

Fernando Pinho

Sexualidade, identidade e sociabilidade em um lugar GLS

O livro *Da avenida Cerqueira Lima ao Beco dos Artistas: um espaço de sociabilidade GLS* é resultado da dissertação de mestrado de Andressa Ribeiro, defendida em 2011 e apontada como uma das cinco melhores dissertações e teses do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Trata-se, em linhas gerais, de uma “etnografia socioespacial”¹ sobre o Beco dos Artistas, em Salvador (BA), como um espaço de sociabilidade GLS.

Há de se destacar, logo de início, que a antropóloga designa o Beco dos Artistas como um lugar GLS por entendê-lo como um espaço de consumo homossexual (majoritariamente) e por ser essa também a referência que os próprios entrevistados fizeram a ele. A sigla GLS, que representa Gays, Lésbicas e Simpatizantes, é uma criação atribuída a André Fischer, um dos principais idealizadores do Mercado

Mundo Mix e do Festival Mix Brasil, e é costumeiramente ligada a uma ideia de inclusão da diversidade sexual via consumo.²

O estudo antropológico realizado sobre o Beco dos Artistas tem como dispositivo analítico um composto formado pela etnografia, observação participante, entrevistas, relatos informais e o diálogo com a bibliografia pertinente, fazendo-se vincular às vertentes contemporâneas de estudos sobre sexualidade e gênero.³ Nesse sentido, esta pesquisa se integra a uma corrente de estudos e pesquisas que ultrapassa a atenção única para a sexualidade enquanto categoria analítica, preocupan-

2 Há uma série de críticas feitas à sigla GLS e seu sentido mercadológico, bem como à ideia de inclusão de pessoas LGBT via “pink money” ou “pink market”. Sugiro conferir, entre outros, Facchini (2005), Nunan (2003) e França (2012).

3 Nesse diálogo, têm posição destacada as obras de Michel Foucault, Judith Butler, Gayle Rubin, Guacira Louro, Julio Simões e Richard Miskolci, num flerte entre os estudos de sexualidade e gênero e a teoria *queer*.

1 Assim denominada pela professora Maria Gabriela Hita, orientadora da dissertação e que assina o prefácio do livro.

Fernando Pinho

é engenheiro civil, com mestrado em Engenharia de Transportes, especialização em História da Amazônia, especialização em Estudos Culturais da Amazônia e doutorado em Planejamento Urbano e Regional. É coordenador editorial da Revista e-metropolis.

fernandopinossa@yahoo.com.br

do-se com as relações entre sexualidade, classe e raça, como marcadores de diferença, ou em resumo, com as interseccionalidades.

Formulando sua questão de trabalho, frente àquilo que suas incursões no Beco dos Artistas impuseram, Andressa Ribeiro se pergunta: “O que um espaço como o Beco, na medida em que legítima em seu interior práticas não heterossexuais, significa para seus frequentadores e, também, o que ele significa quando pensamos em termos de sociedade mais ampla?” Para delinear melhor essa questão e suas respostas, bem como apresentar os resultados aos seus leitores, a escrita do livro se estruturou em três capítulos, além da introdução, conclusão e anexos.

No Capítulo 1, “O Beco e sua história”, é realizada uma breve história do Beco dos Artistas, suas origens e significados para seus frequentadores. É por meio dessa narrativa temporal que vamos percebendo como o Beco dos Artistas passou de um lugar frequentado por artistas e intelectuais para um lugar identificado como “ponto homossexual”. Importante notar – e isso pode ser visto como uma crítica ao livro – que essas categorias (artista, intelectual, homossexual) são identificações (dinâmicas e em processo) e, por isso, não deveriam ser tomadas como estanques e fixas, tendo em vista que elas atuam em interseção; ou seja, é possível que frequentadores do Beco se identificassem como artistas-intelectuais-homossexuais ou outra autodesignação. Daí se vê que a identidade – numa acepção ainda vigente, mas já perdendo força – é uma questão problemática e empobrecedora como elemento de análise das experiências. Porém, tal fragilidade é logo percebida pela pesquisadora a partir de suas próprias vivências no lugar, o que nos permite verificar a mútua influência que o campo de pesquisa e o pesquisador exercem entre si, e como isso vai afetando, calibrando e ajustando a análise.

Analisando entrevistas e relatos, a autora observou que os frequentadores atribuíam fases à história do Beco: uma primeira fase, no período de 1987/1990, que remeteria à fase de declínio do lugar, com a queda do movimento e funcionamento diurno, somente para o serviço de almoço; uma segunda fase, de 1990 a 1995, com a abertura do bar Bastidor, do ator e diretor Hamilton Lima, marcando o retorno da classe artística, e posteriormente o fechamento desse e de outros bares, com uma nova fase de decadência e novo afastamento da classe artística. De 1996 a 2002, a terceira fase é marcada pela abertura do bar Conexão Arco-Íris, um local assumidamente gay. O Conexão fecha em 2001 e é aberto, em seu lugar, o bar Persona. Daí foi observada uma mudança no perfil de frequentadores do Beco, que passa a ser sig-

nificado como um lugar gay e pobre, inclusive como um lugar estigmatizado entre o próprio público homossexual.

É interessante notar como, através dos depoimentos dos frequentadores e da narrativa histórica, as fases do Beco são enunciadas a partir de uma visão de declínio do lugar; uma visão que só muda ao priorizar uma origem refinada e afrancesada, apagando uma possível origem muito mais humilde – o que certamente pode indicar o trabalho da memória, em sua interface com a lembrança e o esquecimento.⁴

Em “O Beco hoje”, o Capítulo 2, são apresentados os resultados específicos da observação participante e da pesquisa etnográfica. Após uma reconstituição de seus começos, a antropóloga descreve o presente do Beco, entre os anos 2008 e 2010, período em que realizou sua pesquisa de campo. Já constituído e significado como um “espaço homossexual”, é possível compreender, por meio das incursões etnográficas e da apresentação de trechos de seu diário de campo, “um pouco do que é o Beco e como é o Beco hoje, a dinâmica do lugar, o modo como as pessoas se relacionam com o lugar e o modo como as pessoas se relacionam entre si, dentro do lugar”. É a partir dessa afirmação identitária ali expressa que se consolida a estigmatização do lugar. Pareceu-me muito interessante o deslizamento de sentidos observado na transição do acrônimo BA, em suas origens designando o lugar Beco dos Artistas, para Baixo Astral como uma qualificação do lugar. Um substantivo qualitativo permanece, porém com o deslizamento dos sentidos vinculados ao lugar.

Todo esse contexto e todos esses fatores já mencionados que contribuíram para a estigmatização do Beco cristalizaram-se em uma sigla que os próprios frequentadores cunharam para o lugar, essa sigla é BA. Assim, os frequentadores parodiaram o termo “Beco dos Artistas” e transformaram em BA, que significa Baixo Astral. Isso quer dizer que o Beco não é mais dos artistas como foi um dia, mas é, sim, um lugar Baixo Astral. Retira-se, então, toda a positividade do termo e enfatiza-se o aspecto negativo do Beco. Essa paródia do termo não possui um significado puramente semântico, mas caracteriza mesmo a mudança de sentido que veio ocorrendo no Beco durante todos esses anos, ao mesmo tempo em que representa toda a carga negativa e o estigma que é projetado sobre o lugar e interiorizado por alguns frequentadores (p.109-110).

⁴ Decerto que essa minha observação foge aos objetivos de Andressa Ribeiro, mas que poderia resultar em outra interessante pesquisa. Para quem se interessar sobre a noção de memória como trabalho, sugiro consultar a bela obra de Eclêxia Bosi (1983).

O Capítulo 3, “Beco dos Artistas: um espaço de libertação e/ou liberdade guetificada?”, é, em minha opinião, o mais instigante. A pergunta que nomeia o seu título traz em seu bojo uma importante reflexão sobre o estatuto da liberdade. Frente a essa questão, três perguntas se tornam imperiosas: Qual o papel que um lugar possui para sujeitos e corpos que fogem às regras de gênero e sexualidade? Qual o papel que esse lugar exerce na aceitação da sexualidade desses indivíduos? Como suas sexualidades são recebidas fora desse lugar, e quais as consequências que o lugar adquire para esses frequentadores? Para respondê-las, a autora concatena duas formas de análise sobre o Beco, que se referem a sentidos distintos, mas não autoexcludentes: uma análise a partir de uma “perspectiva de dentro, construída sob o prisma de quem vive o Beco, de quem fala como um de dentro” e uma “análise crítica” com base nas falas dos entrevistados, porém atenta às hierarquias ali presentes.

Sendo assim, para lidar com a ideia do lugar como um espaço de libertação, são utilizadas as histórias de vida dos frequentadores em sua relação com o próprio desejo homossexual, fazendo um diálogo entre essas histórias e a noção da sexualidade como um dispositivo de saber-poder, conforme pensou Michel Foucault (2011). É, assim, problematizada e criticada a ideia de que a sexualidade seria a essência e a verdade do sujeito, assumindo-se a noção de que, para se manter estável e como norma a ser seguida, a heterossexualidade ganha “um status natural e presumido”, pressupondo a homossexualidade como o seu outro (abjeto), aos moldes de uma heterossexualidade compulsória. Diante de uma sociedade heteronormativa, entre as pessoas LGBT, o medo e a vergonha aparecem entrelaçados com a aceitação,⁵ na medida em que a opressão aparece como uma experiência comum e fundante, em especial nos espaços familiar e escolar. Ao destacar um trecho da entrevista em que um rapaz narra um episódio de violência física que sofreu, Andressa Ribeiro comenta:

Esse depoimento me faz questionar por que alguém é agredido pelo jeito que anda. Por que este jeito de caminhar é tão perturbador para o garoto do bairro ao ponto dele sentir vontade de agredir o outro garoto? Seu desejo era inibir um tipo de andar? Se sim, por quê? O que essa situação elucida é um profundo pânico ou medo, elucida uma ansiedade que está presa às normas de gênero, à conformação da masculinidade e feminilidade através

5 O livro *Reflexões sobre a questão gay*, de Didier Eribon (2008), na primeira parte especialmente, traz uma interessante reflexão sobre a injúria, a vergonha e o medo como constituintes da vida homossexual.

do corpo dos indivíduos. Esse episódio mostra, também, a fragilidade da construção da masculinidade, ao ponto de uma performance de gênero que não reafirme essa coerência entre sexo e gênero se tornar ameaçadora e passível de agressão. Então, deve-se começar a questionar se o gênero é mesmo uma consequência direta de um tipo de corpo e sexo, e como e quais mecanismos de poder são utilizados para produzir uma “sexualidade normal” e quais são os custos dessa produção. O que se elucida, nessa situação, é a relação entre a adequação às normas de gênero e coerção (p.155).

Considerando essa lógica heteronormativa e a violência que dela decorre, para muitos de seus frequentadores, o Beco significa um espaço de libertação; todavia, para além desse espaço libertário, a antropóloga encontrou relatos que criticavam a guetificação do lugar, de sua rejeição como um lugar reconhecida-mente gay, o que aponta para as relações entre espaço, identidade, sexualidade e estigma. A menção ao gueto, como categoria, surgiu nas próprias falas dos entrevistados e foi incorporada nas análises feitas pela pesquisadora. Acionando a noção de espaço em Pierre Bourdieu, Loïc Wacquant e seu estudo sobre o gueto, e ainda os estudos sobre o gueto gay feitos por Nelson Perlongher, Júlio Simões e Isadora França, a autora se depara com um incômodo: o gueto seria um espaço de transgressão ou um espaço de acomodação? O que se apresenta como incômodo é um paradoxo, fruto da lógica em que opera este lugar: o Beco é um lugar que liberta e ao mesmo tempo é prisão, mostrando a existência de uma “liberdade guetificada”.

Por outro lado, penso que existe aí uma idealização, já que, nem para heterossexuais, nem para homossexuais, os espaços são tão libertários. Ao contrário dessa noção idealizada, os espaços são regulados, onde ninguém pode fazer tudo aquilo que deseja. Regulação do desejo, regulação da sexualidade, regulação das condutas, regulação da vida. Mesmo em lugares tido como “liberais”, a liberdade é regulada por uma espécie de código de conduta, onde nem tudo é permitido – ou seja, se consideramos que há um potencial descontrole em lugares de expressão não heterossexual, vistos como libertários (ou libertinos, para alguns), é bom que se saiba que esse descontrole seria um “descontrole controlado”, como bem demonstrou Camilo Albuquerque de Braz (2010) ao tratar dos clubes de sexo, por exemplo.

Ao final do livro é feito um apanhado geral da pesquisa, discutindo criticamente desde a metodologia empregada (etnografia, depoimentos e pesquisa bibliográfica), os planos conceitual-analíticos da pesquisa e suas principais conclusões. Para além das comprovações do lugar como um espaço dinâmico e

das inter-relações entre espaço e experiência, destaco também o ir-e-vir entre a teoria e a empiria. Como demonstra a antropóloga, é extremamente necessário, e muito eficaz, que a empiria questione pre-concepções, as quais deviam nos servir apenas como pontos de partida, como modos de tatear uma questão. Por isso tudo, penso que o leitor terá em mãos um livro generoso e estimulante, que faz legíveis os percursos e os achados de Andressa Ribeiro.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 1. reimp. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. **À meia-luz**: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: 2010.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FACCHINI, Regina. **“Sopa de letrinhas”?**: movi-

mento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 21. reimp. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003. ■

Obra resenhada

RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Da avenida Cerqueira Lima ao Beco dos Artistas: um espaço de sociabilidade GLS**. Salvador: EDUFBA, 2015. 210 p.